

# O rio e seu discurso

Donaldo Schüler

## VIGÍLIA E SONO

Heráclito ao dizer que o oráculo de Delfos não declara nem oculta, mas significa, define, com certeza, o seu próprio discurso. Sentindo a insuficiência do sistema lingüístico para desvendar o mistério do mundo, desenvolveu uma linguagem ambígua, alusiva, multissignificativa, apta a apanhar a complexidade da realidade apenas entrevista, discurso que gera outros discursos em corrente sem fim determinável. Traduzir Heráclito é entrar num jogo em que as imagens se multiplicam, jogo de ondas, efêmeras, vivas. A infidelidade necessária da tradução abre distâncias em que os significados cambiantes se movem, cavando leitos imprevistos no fluir universal. Entremos no jogo sem detê-lo, sem receio de deslizos, mas com a firme determinação do lance adequado.

*Embora seja este o discurso, sempre, os homens tardam, não só antes de ouvi-lo, como logo que o ouviram; pois, mesmo que todas as coisas aconteçam de acordo com este discurso, mostram-se semelhantes a inexperientes ao experimentarem tais palavras e atos que eu exponho seguindo a natureza, distinguindo cada coisa e dizendo como ela é. Mas os outros homens ignoram o que fazem depois de acordarem, como esquecem o que fazem dormindo. (B 1)<sup>1</sup>*

Que discurso é esse que não redime os homens da ignorância? Que fazer com o advérbio *aei* (sempre)? Os homens sempre tardam ou o discurso sempre é? Por que decidir o que Heráclito quer indeciso? Conservemos "sempre" na indecisão; na indecisão "sempre" declara a continuidade do acontecer e o permanecer aquém. Afinal, que discurso é este? É o universal ou é o de Heráclito? Provoquemos, atentos ao pensador, a convergência de interpretações divergentes. Nosso discorrer se resolve no estar aquém não só no discurso, o discurso dos discursos, como também dos discursos em curso (o de Heráclito e o de outros) antes e depois de os termos ouvido. O discurso e os discursos nos excedem como processo de organização. Na impossibilidade e na obstinação de os alcançar, produzimos novos discursos, que no excesso têm o destino dos primeiros, e

---

Donaldo Schüler é Professor na Universidade Federal do Rio Grande do Sul e pesquisador do CNPq.

<sup>1</sup> DIELS, H. e KRANZ, W. (1966), em cuja obra nos baseamos para a transcrição dos textos de Heráclito, arrolam, sob a letra B, os fragmentos considerados autênticos.



continuamos irremissivelmente imersos no acontecer da ignorância. Tardos, acontecemos na ignorância e fazemos a ignorância acontecer, o nosso inapelável caminho. Chegamos a estas reflexões, derivando o adjetivo *aksynetos* (tardo), de *a-skyn-iemi* (não ir com, não acompanhar, ficar aquém da verdade, ouvir o apelo do discurso sem entendê-lo). Como "sempre", "discurso" é ambíguo, tanto pode ser o discurso dos discursos como pode designar um dos discursos, o de Heráclito, por exemplo. Observe-se, entretanto, a diferença entre um discurso e o discurso. Um discurso e o discurso não coincidem, nem se repelem. O discurso atravessa cada um dos discursos; neles o vemos e o perdemos. Não acontecemos apenas nós, também as coisas acontecem de acordo com o/um discurso, um acordo que não é uma coincidência, um acordo que vem de desacordos sem os quais nenhum acordo se veria celebrado.

A in experiência no discurso não significa a falta de iniciação em qualquer discurso. O apego indevido a discursos retarda o acesso ao discurso. Há discursos que prendem, fecham a passagem a outros discursos. São assim os discursos míticos na vigência do mito. Heráclito pensa, quem sabe, nos devotos aos mundos criados por Homero e Hesíodo. Palavras (*epea*) são epopéias? Atos (*erga*) são ritos através dos quais o homem procura passagem ao que o excede? O discurso de Heráclito agride como exposição, põe fora o que outros discursos vedam. Se discursos têm a virtude de expor, não lhes falta a tenebrosa qualidade de impor, contradição no bojo de todo discurso. Nenhum discurso retém a exposição sem prejuízo. Heráclito ataca a crosta endurecida de discursos que, negando-se como tais, tendem a absolutizar-se, evadidos do fluxo. O pensador afronta as couraças para surpreender o que elas encobrem. Faz-se obscuro para desencadear o que vive nas sombras. a natureza que acontece e faz acontecer.

O discurso de Heráclito tem a vantagem de vencer as fronteiras do discurso particular em direção ao discurso que excede todos os discursos e os fundamenta, discurso oculto na natureza que oculta. Atento a esse discurso, submete tudo a exame, tanto o já muitas vezes dito como o ainda não proferido. Confrontado com o discurso dos discursos, discurso nenhum pode pretender a posição de absoluto. O discurso da natureza gera tudo o que é e tudo o que se diz. Gerando, restaura o movimento daquilo que pretende endurecer em rigidez letal.

Outros homens, não despertados como Heráclito, dormem no sono e na vigília. Se despertam, esquecem as visões da noite e as trevas se adensam. Acordados, agem como se nada vissem. Ainda que despertados, movem-se como se andassem de olhos vendados, dormindo. Heráclito, cultivado em contradições, atenta para as imagens que desfilam na sombra e para as sombras que não se extinguem na luz. Esse discurso acolhe farrapos da noite nos lugares em que outros discursos não mostram mais que corpos iluminados, despertando imagens claras nas regiões que outros discursos relegam ao silêncio das trevas.

O conflito dos discursos não visa a silenciar nenhuma voz. O confronto provoca os discursos, fazendo-os reviver. Todos os discursos ingressam em convergente divergência.

## O COM-UM E O COMUM

O conflito dos discursos não visa a silenciar nenhuma voz. O confronto provoca os discursos, fazendo-os reviver. Todos os discursos ingressam em convergente divergência.

*Por isso convém seguir o com-um, pois o com-um é o geral. No entanto, embora o discurso seja com-um vivem as multidões como se tivessem conhecimento particular. (B 2)*

Comum? Como havemos de entendê-lo? Se tivermos a ousadia de desdobrar comum em com-um, cometeremos violência ao corpo da linguagem, benéfica, entretanto, por desvendar o sentido. Com-um recupera *ksyn-on*: *ksyn* (com), *on* (particípio presente do verbo *eimi* - ser). Com-um: ser conjuntamente um. Onde? No discurso.

O discurso desencadeia uma longa história, que se confunde com a tradição ocidental desde as origens. Queremos recolher em "discurso" o sentido do substantivo *logos*. *Logos* designa muitas coisas. Homero emprega o verbo *lego*, da mesma raiz de *logos*, para o processo de recolher alimentos, armas e ossos, para reunir homens. Cada uma dessas operações implica comportamento racional; não se reúnem armas, por exemplo, sem as distinguir de outros objetos. Concomitantemente, *logos* significa uma reunião de coisas sob determinado critério. Armas misturadas com ossos sem critério algum não fariam *logos*, provocariam sentimento de desordem, caos. *Logos* corresponde, portanto, ao com-um, não de palavras apenas mas também de seres.

O que devemos entender por *um*? O *um* é o cosmos. O *um*, no princípio não tem nome. A unidade, antes de ser nomeada, foi intuída ou vagamente designada por um adjetivo. Nos tempos míticos, a unidade se revela no divino, que se desdobra na diversidade existente sem excluir os deuses. *Kosmos* significava adorno, objetos artesanais, reunindo as acepções de beleza e ordem. Pitágoras elevou o termo *kosmos* à totalidade do universo, no que foi seguido por Heráclito. O *kosmos* conjugado ao *logos* forma o com-um, o discurso com-um, vá lá a esclarecedora tautologia.

*Logos* não se restringe, entretanto, à ordenação dos seres, ele estende vínculos, com o mesmo vigor, entre palavras. Surge assim o discurso verbal. Sem *logos* não há discurso; há, quando muito, amontoado caótico de palavras. Sem o discurso verbal, estaríamos desamparados de recursos para nos referir ao discurso cósmico. Embora o discurso cósmico ultrapasse em riqueza e significado o discurso verbal, não se oferecem cursos à sua exploração senão este. O discurso verbal abre-se em acesso e fecha-se em limite. Traduz o com-um sem prendê-lo. Insere-se no com-um sem confundir-se com ele. Prender o discurso cósmico no tecido verbal esteve sempre na mira dos homens para prejuízo da verdade.

Ainda surpreendemos o *logos* no interior de nós mesmos, quando



compreensivamente voltados para o espetáculo do mundo. O *logos*-razão acrescenta-se aos outros dois no mesmo movimento de com-unidade. Mantemos este lucrativo diálogo entre as ruínas da modernidade. Já há muito desistimos de derivar inteligibilidade das nossas circunstâncias. Refugiados em nós próprios, fragmentamos em estilhaços o que Heráclito queria uno. O caos não poupou as nossas criações artísticas, em que a desordem abalou os fundamentos do belo. A conversa com o remoto pensador de Éfeso nos é benéfica por nos dar a medida da nossa queda, dissociando cautelosamente do termo todo juízo de valor.

Seguir o com-um significa reprovar a dispersão e aderir à unidade, recolher os estilhaços e ordená-los em um, não consentir na dissolução.

Como distinguir "conhecimento particular" e "discurso com-um"? "Conhecimento particular" traduz o substantivo *phronesis*, derivado de *phren* (diafragama), e designa o conhecimento que se adquire através dos sentidos, o saber prático. Heráclito não despreza a informação dos sentidos. Veremos a insistência com que se refere a eles. Condena, entretanto, aqueles — e constituem a maioria — que, não conseguindo erguer-se acima dos sentidos, vegetam enredados no turbilhão caótico das informações sensoriais. Como a impressão sensorial, por ser única, é intransferível, cada um constrói o seu próprio território de sensações. Os sentidos se validam quando acolhidos no discurso com-um.

Está claro que o com-um não exclui o comum, o ordinário. O com-um é supinamente ordinário, porque oferecido a todos. Se não o percebemos, é por embotamento lógico. O discurso com-um se desdobra em discurso ordinário, muitas observações procedem do dia-a-dia.

## TRADUÇÃO

Poderíamos, ao traduzir Heráclito, manter *logos* em grifo, declarando a indigência da nossa língua ante a riqueza dos recursos verbais do povo que se aloja nas origens da cultura ocidental. Em vez dessa opção melancólica, preferimos manter diálogo distante com textos que a tradição nos legou e o fazemos, no caso vertente, através de João Cabral de Melo Neto. Entendemos que as definições de discurso ensaiadas pelo poeta em "Rio sem discurso" em parte já colhidas nas considerações precedentes, podem levar à absorção de *logos*, fazendo-o fluir, transfigurado, na língua portuguesa. Vamos ao poema de Cabral:

*Quando um rio corta, corta-se de vez  
O discurso-rio de água que ele fazia;  
cortado, a água se quebra em pedaços,  
em poços de água, em água paralítica.  
Em situação de poço, a água equivale  
a uma palavra em situação dicionária:  
isolada, estanque no poço dela mesma,  
e porque assim estanque, estancada;*

*e mais: porque assim estancada, muda,  
e muda porque com nenhuma comunica,  
porque cortou-se a sintaxe desse rio,  
o fio de água por que ele discorria.*

*O discurso de um rio, seu discurso-rio,  
chega raramente a se reatar de vez;  
um rio precisa de muito fio de água  
para refazer o fio antigo que o fez.  
Salvo a grandiloquência de uma cheia  
lhe impondo interina outra linguagem,  
um rio precisa de muita água em fios  
para que todos os poços se enfrasem:  
se reatando, de um para outro poço,  
em frases curtas, então frase a frase,  
até a sentença-rio do discurso único  
em que se tem voz a sede ele combate.<sup>2</sup>*

Como se vê, o poeta ressemantiza um termo que o uso banalizou, despertando os significados correr, fluir, contidos no substantivo "curso", que entra na composição de "discurso". Iluminada a metáfora, o discurso de faz "curso de um rio", e ao correr/discorrer, as frases refazem o fluxo cortado pelas palavras estagnadas nas definições rijas do dicionário. O discurso-rio, ao reatar, reunir, recolher, enfrasar, organizar, dispor, reativa alguns dos significados de *logos*. Provocando a confluência do rio heraclítico com o rio de João Cabral, podemos abrir o diálogo com a língua antiga, solicitar novas associações e dizer "discurso" sem a estranheza de sotaque estrangeiro.

## AOS SURDOS

Há os presos ao sistema em que estão inseridos, estanques em água paralítica, surdos. Por considerarem absoluto o discurso restrito, a água cortada em poços, não atendem ao apelo com-um, em que seriam uma voz entre muitas. Paralisados no discurso privado, perdem acesso ao que abrange a totalidade. Caracterizada está a falta de entendimento:

*Os desprovidos de (entendi)(movi)mento, ao escutarem,  
parecem surdos: um ditado diz a respeito deles que estão  
ausentes, mesmo quando presentes. (B 34)*

Queremos indicar com os parênteses os significados sobrepostos:

<sup>2</sup> MELO NETO, João Cabral de. *Poesias Completas (1940-1965)*. Rio de Janeiro, Sabiá, 1968.



entendimento e movimento, presentes no adjetivo *aksynetos*, já analisado. A segunda acepção define a primeira. Desprovidos de entendimento são os que não se põem em movimento com outros, destinatários do mesmo apelo.

O apelo vem de fora do sujeito e dos sistemas. Os seres se organizam em signos do discurso que os compreende e os excede. A sabedoria consiste no enfrasar sem prejuízo de peculiaridades. Só então estamos na sentença-rio do discurso único, que precisa de muita água para que todos os poços se enfrasem.

Os surdos ao apelo não percebem outra voz além da que lhes é familiar. Obstinação na recusa ao reatamento do próprio com o alheio, perdem não só a inteligibilidade do todo como também se obscurece a luz privada que os alumia. O que têm por luz faz-se escuridão. No intuito de manter vivo o pensamento, Heráclito ataca as paralisias. O saber resulta dos que andam, atentos ao mesmo apelo.

## COMUNIDADE

A presença física não estabelece comunidade. O discurso é o leito em que discorrem apelo e resposta. Se os fios do discurso se cortam, se em lugar do rio poços se isolam, sofre-se o flagelo da seca, a voz emudece, a vida não resiste à morte. O apelo soa no interesse da totalidade; ata os fios que no conjunto formam a corrente do grande rio. No discurso, ausências enfrasadas fazem-se presenças efetivas.

*Do discurso com o qual assiduamente convivem, pois governa tudo, deste se afastam, e as coisas com as quais se defrontam todos os dias, estas lhes parecem estranhas. (B 72)*

O discurso profere-se a si mesmo. Ainda que esquecido, desprezado ou ignorado, o discurso governa o universo. Articulado em nós e fora de nós, nele vivemos e convivemos. Atando e reatando, ele se contrói. Como entender, desinformados de sua sintaxe? Desinformados dele, onde buscar o sentido do que sentimos? Resguardada fica a distância estratégica, essa que tomamos para observar melhor. Mas a advertência vale para a dispersão, o recuo sem retorno.

O mundo abre-se em enigma. Constatá-lo na ponta dos dedos, degustá-lo na língua, bailar ao ritmo dos sons, participar da festa das cores não basta. Os que recusam o convite ao simpósio do discurso obstinam-se a viver em poços de água estanque.

## DISCURSO EXCEDENTE

Perdemos a noção do discurso com-um quando permitimos que o saber se

parta em poços. Não convém alicerçar hipotética unidade em certo discurso acreditado, mesmo que seja o de Heráclito. O discurso peculiar não eleva ao todo. Tampouco atingimos a totalidade plantados os pés em alguma das nossas províncias: psicologia, etnologia, sociologia, história, linguística, filosofia... O discurso com-um excede os dialetos, recolhendo-os na trama das relações. A trama é ele, as palavras enfrasadas. Heráclito não é mais do que uma voz no discurso com-um, razão por que importa estar atento à polifonia dos falantes:

*Tendo ouvido não a mim mas o discurso, sábio é o concurso: todas as coisas são um só (B 50)*

O golpe desferido por Zeus no andrógino primitivo mostra hoje sua inteira gravidade. Vagamos castrados, incuravelmente enfermos. Desamparados da unidade, instalamo-nos em precário e inconveniente sucedâneo, a ideologia. Concordes na unidade estaríamos se tolerássemos que o discurso de cada um soasse no concurso com-um.

O discurso com-um, na sua elevação, é contra-ideológico. Chama dos abrigos à praça, é de todos sem ser de ninguém, está no lugar em que todos convêm. Heráclito brinca com *logos* e *homologeîn* (homologar, concordar, convir). Aproximando "discurso" e "concurso", respondemos ao brinquedo. Seja concurso o homologar que não anula a divergência, o concordar que estimula discordâncias, o convir que favorece o cruzamento de caminhos.

## ESQUIVANÇAS

Os que recordam *O banquete* de Platão sabem o quanto o buscado se esquiva, o divino, o que na oferta se retrai.

*Das coisas divinas a maior parte, por falta de confiança, escapa ao conhecimento. (B 86)*

Ninguém ignora de todo. A mera informação dos sentidos, embora precária, ainda é saber. Todo saber está mesclado de não-saber. Se ignorássemos inteiramente o que buscamos, como nos poríamos a caminho?

Os que amam o saber surpreendem-se infelizes muito antes de Platão. O ardor dirigido ao que foge a todos agita-se na mescla do desencorajamento e da esperança. A falta de confiança não é subtração sem resto, assim como a evasão do divino não é abandono sem vestígio. O filósofo é um amante infeliz; para manter acesa a chama do desejo, precisa lutar contra a sua própria desconfiança.

O discurso com-um, o divino, é o que se busca. Enquanto estamos a caminho, proferimos estes discursos parciais, necessários por serem eles que nos mantêm no caminho; precários porque o não-dito supera em muito o que se diz. Os irremissivelmente desesperados, por cansaço, decretam definitivo o precário.



Deles a história apresenta notórios exemplos. Para se curar da desesperança afundam-se no desespero, declarando tudo o bem pouco que têm.

## O INDIZÍVEL

Os discursos nunca são o discurso. O nosso falar prossegue em tentativas frustradas de aprisionar nas redes da sintaxe o que se declara hostil a quaisquer confinamentos. Se lográssemos surpreender o núcleo do indizível, proferiríamos a última palavra, que decretaria o fim de todo falar. O sábio é decididamente mais do que o dito. O que nos discursos sábios seduz brilha como reflexo do sábio ausente. O oculto é muito mais do que o que se mostra.

*De quantos ouvi discursos, ninguém chega a compreender que o sábio está separado de todos. (B 108)*

É ambição de muitos identificar o discurso com-um com o dizer de um. Se o irrealizável se realizasse, a busca seria assaltada pelo ditado, o diálogo se renderia ao monólogo, a linguagem adquiriria a fixidez dos recursos que inventamos para nossa sobrevivência.

O sábio separa-se por sua própria natureza, assegurando que não é coisa entre coisas, nem coisa além das coisas. Não sendo coisa, ele arma relações entre as coisas, indica a função das palavras na sintaxe. É coesão, sentido não-substancial do que aparece. O sábio se recusa a nós, os falantes, para nos instituir como diferentes. Excluídos, participamos e, nesse caráter, falamos. Procuramos interpretar em nossas versões os enigmas de sua linguagem. O texto original, refundido em outras versões, seduz como inatingível e assim ilumina. Está presente, não estando. A declaração de fidelidade não abafa a dissonante voz da traição. Separado de todos, o sábio nos torna solidários na carência. Apoiamo-nos mutuamente na busca. Procuramos em outros horizontes o que não colhemos em nosso território.

## OBJETOS E PROJETOS

O discurso da psique não coincide com o discurso pleno que fundamenta o mundo. Houvesse coincidência, a realidade se apresentaria luminosa. Não é assim. Há na psique uma zona de sombra, um não-saber. Para alcançar o saber, importa ao não-saber tender ao seu próprio aniquilamento, ato impossível a homens que ignoram suas deficiências e possibilidades. Os que sabem que sabem, encerrados em sua própria suficiência, não suportam crescimento.

Consciente da própria precariedade, o discurso da psique não aumenta na solidão. Cresce à medida que o raio de suas preocupações se dilata. O discurso, situando o falante no todo, não provoca aumento cumulativo, relaciona.

Movimenta as relações à medida que se movimenta. O dizer de cada um acontece no tecido com-um. Na mobilidade cumpre definir. O novo vem do já proferido, prolongando-o ou repelindo-o. Não impelido por geração cega, cumpre indagar-lhe as razões. O crescimento sendo sem fim, sobre si mesmo se dobra; novo princípio ergue-se em cada fim.

*Da psique é o discurso que se robustece a si mesmo. (B 115)*

Não contemplamos o mundo de fora, como se assistíssemos a um espetáculo, sentados na platéia. Nosso discurso e o discurso do mundo se interpenetram. Acontecemos e fazemos acontecer. Nosso fazer repercute, e somos afetados por alheio fazer. O mundo, guardando objeto e projetos, não se reduz a objeto do saber. Organizando, organizamo-nos, entretécidos que somos.

## IMBECIS

Há os que amam a sabedoria. Esses não se excitam. Submetem o insólito a paciente exame. Habitados a afrontar certezas, o mundo inteiro torna-se-lhes estranho, mesmo os rincões familiares. Provocadores de mistérios, não poupam esforços para desencantá-los mesmo que o trabalho abra distâncias.

Os imbecis escolhem o extremo oposto. Vivem excitados por sonhos, visões, contos, cantos, falas:

*O imbecil ama excitar-se por qualquer discurso. (B 87)*

A excitação não acontece aos imbecis inopinadamente. Por lhes causar prazer, eles a buscam. Fontes de excitação: o timbre da voz, a harmonia dos gestos, o brilho dos olhos, a agilidade da argumentação, o embalo do ritmo... Para esses não há remissão. O homem ponderado, avisado dos riscos, se resguarda. Visto que o discurso se derrama nos discursos, o compromisso de quem ama é com o discurso. Quem no entusiasmo se deixa arrastar por qualquer discurso se perde no torvelinho das seduições inconseqüentes.

## A RETÓRICA

*Pitágoras, inventor de verdadeiros enganos. (B 81)*

Pitágoras é apenas um nome de referência, que deve estar errado. A divergência é agora não com o filósofo, mas com a retórica, que se desenvolve nos estados democráticos. Criada como arte de persuadir, busca influir, mesmo com o sacrifício dos fatos. Esse desvio não pode contar com a anuência de Heráclito,



empenhado em fazer da palavra um instrumento rigoroso para desvendar os mistérios do universo. Ao arrepio de seus propósitos, os oradores usam a retórica para encobrir. A advertência de Heráclito não deteve a multidão dos artifícios que aviltaram as assembléias populares e chamaram à ruína muitos estados. O livre exercício da palavra não é tudo, requer-se ainda a integridade dos que a usam. Se o discurso se eleva para abrilhantar o orador, obstruído está o caminho à verdade.

## O RENOME

Quem falaria de Priene ou de Teutames, não tivesse Bias nascido nesse lugar e desse pai? O discurso distingue o lugar em que emerge. Provoca acontecimentos ao acontecer:

*Em Priene nasceu Bias, filho de Teutames, de mais  
pleno discurso que o dos demais (B 39)*

Bias acontece no discurso como sujeito e como objeto. Comparado a outros discursos, o de Bias acena pleno. Pleno não significa terminado. Pleno é o discurso robusto e amplo, o que traz à luz e se expande em associações que fluem e refluem em novas vagas de sentido. O pleno se abre para o fluxo caudaloso do que vem. Em Bias, o discurso, ao fluir, se faz história.

O discurso de Bias se opõe aos discursos que definham na insistência de fórmulas. Inertes, não irrompem em fecundas articulações. Destituídos de poder, deles se apoderam os que mandam. Como lembrá-los, se optaram pelo partido dos sons que se extinguem? Quem profere discurso pleno desperta o falar aprobatório de outros falantes. No fluxo e refluxo o nome se ilustra em renome, nome autenticado no reflexo.

## TRADUÇÃO E TRADIÇÃO

Este é o discurso, a convergência de muitos cursos, a sobreposição de correntes. Os cursos, ao discorrerem, se enredam e desenredam, convergem e divergem no fluir que se refaz. Traduzir é manter viva a tradição, é impedir que o rio se corte em poços, que estagne, que morra. Atravessando a língua de João Cabral, Heráclito soa com timbre novo sem esquecer o dialeto original. O discurso em curso requer a tradução.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BOLLACK, Jean e WISMANN, Heinz. *Héraclite ou la séparation*. Paris, Minuit, 1972.  
BURNET, John. *Early Greek Philosophy*. 4.ed. London, Black, 1963.  
DIELS, Hermann e KRANZ, Walther. *Die Fragmente der Vorsokratiker*. Dublin/Zuerich, Weidmann,

1966.

- HEIDEGGER, Martin e FINCK, Eugen. *Heraklit. Seminar Wintersemester 1966-77*. Frankfurt am Main, Klostermann, 1970.  
HILDERBRANDT, Kurt. *Fruehe Griechische Denker*. Bonn, Bouvier, 1968.  
KIRK, G.S., RAVEN, J.E. *Os filósofos pré-socráticos*. Trad. de Carlos Alberto Louro Fonseca. Lisboa, Gulbenkian, 1982. [1966]  
LEÃO, Emmanuel Carneiro e WRUBLEWSKI, Sérgio. *Os pensadores originários: Anaximandro, Parmênides, Heráclito. Texto e Tradução*. Petrópolis, Vozes, 1991.  
MONDOLFO, Rodolfo. *Heráclito*. Trad. ao espanhol de Oberdan Caletti. México, Siglo XXI, 1966.  
RAMNOUX, Clemence. *Héraclite ou L'homme entre les choses et les mots*. Paris, Les Belles Lettres, 1968.  
ROHDE, Erwin. *Psyche*. Darmstadt, Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1961. [1898]  
SOUZA, José Cavalcante de. *Os pré-socráticos*. 5.ed. São Paulo, Nova Cultural, 1991.